



Moisés de Lemos Martins, Rosa Cabecinhas, Lurdes Macedo & Isabel Macedo (eds.) (2014)  
*Interfaces da Lusofonia*  
Centro de Estudos de Comunicação e Sociedade, Universidade do Minho · ISBN 978-989-8600-21-9  
pp. 167-181

---

## O Festival Musidanças: uma análise discursiva da programação e dos manifestos (2001-2012)

### *The Festival Musidanças: a discursive analysis of its programming and manifestos (2001-2012)*

BART PAUL VANSPAUWEN<sup>1</sup>

#### Resumo

Como é que o festival Musidanças, que promove músicos migrantes de língua portuguesa em Lisboa, concebe a sua comunidade envolvente, e de que maneira é que mobiliza ou questiona estruturas e recursos existentes? Como é que o Musidanças administra as suas narrativas identitárias para construir memória cultural? Através duma análise da programação e dos discursos desenvolvidos pelo festival (2001-2012), esta comunicação pretende articular uma reflexão sobre a forma com a qual Musidanças (re)constrói a ideia de Lusofonia na promoção do diálogo intercultural e da inserção social. Especificamente, o propósito é introduzir a análise de como e em que dimensão Musidanças mobiliza tradições culturais e desenvolve estruturas para seu avanço, constituindo assim um local de identificação e debate transnacional. Este artigo pretende oferecer um melhor entendimento dos protagonistas musicais de Lisboa, pelos quais a comunidade lusófona é percebida como uma genuína forma de representação.

**Palavras-Chave:** Lusofonia; música; migração; discurso; governação

#### Abstract

How does the festival Musidanças, that promotes Portuguese-speaking migrant musicians in Lisbon, conceive its surrounding community, and how does it mobilize or question existing structures and resources? How does Musidanças manage its identity narratives in constructing cultural memory?

Through an analysis of its programming and manifestos (2001-2012), this presentation intends to articulate a reflection on the way in which Musidanças (re)constructs the idea of Lusofonia in promoting intercultural dialogue and social inclusion. Specifically, my purpose is to introduce the analysis of how and to what extent Musidanças mobilizes cultural traditions and develops structures for their advancement, thus constituting a place of transnational identification and debate.

This presentation aims to offer a better practical understanding of some musical protagonists in Lisbon, through which the Portuguese-speaking community is perceived as a genuine form of representation.

**Keywords:** Lusofonia; music; migration; discourse; governance

---

## 1. INTRODUÇÃO

Nos últimos 15 anos, empreendedores culturais em Portugal têm investido cada vez mais na divulgação do património musical dos seus países. Eventos

---

<sup>1</sup> Instituto de Etnomusicologia, Universidade Nova de Lisboa, bartpvanpauwen@gmail.com

internacionais, como a criação da CPLP - Comunidade de Países de Língua Portuguesa (1996) e a Exposição Internacional de Lisboa de 1998, o influente documentário 'Lusofonia, a (R)evolução' (2006), da Red Bull Music Academy; bem como numerosas associações locais e festivais de música, têm vindo a reforçar uma visão cultural do Atlântico lusófono.

Como apontam estudos recentes (Côrte-Real, 2013) e pesquisas etnográficas na capital portuguesa (La Barre e Vanspauwen, 2013), Lisboa tem se promovido de maneira crescente como uma cidade pós-colonial e transnacional que une (ou, pelo menos, reflecte) as expressões musicais dos antigos territórios sul-americanos, africanos e asiáticos. Cada vez mais são organizados festivais interculturais na cidade (por exemplo: Musidanças, Lisboa Mistura, ImigrArte, Festival Conexão Lusófona) além de surgirem com cada vez maior frequência espaços de performance (por exemplo: B.Leza, Onda Jazz, Bacalhoeiro, Bartô) onde estes músicos se encontram e actuam.

Este artigo trata de expressões culturais num espaço lusófono transnacional, num momento em que a ideia de Lusofonia se torna cada vez mais polémica. Lusofonia é indicativo de um projecto moderno na medida em que representa uma união entre pessoas que compartilham uma língua e características culturais comuns apesar de grandes distâncias geográficas. O conceito é baseado numa definição linguística, mas também designa um espaço político, económico e cultural. Desde a viragem do século, tem informado grupos governamentais, económicos, académicos, jurídicos, desportivos, sociais e culturais, que envolvem países ou regiões de língua portuguesa.

Uma ideia similar parece estar na base de festivais de música locais, tais como o festival Musidanças<sup>2</sup>, que promove músicos migrantes de língua portuguesa em Lisboa. Com foco em seu empreendedorismo cultural, pretendemos esclarecer como o Musidanças serve de mediador entre as instituições governamentais que defendem a ideia de Lusofonia, por um lado, e os músicos migrantes de países de língua portuguesa com as suas próprias agendas, por outro. Como é que o festival Musidanças concebe a sua comunidade envolvente, e de que maneira é que mobiliza ou questiona estruturas e recursos existentes? Como é que o Musidanças administra as suas narrativas identitárias para construir memória cultural?

Com uma análise da programação e dos discursos desenvolvidos pelo festival no período 2001-2012, este artigo pretende articular uma reflexão sobre o modo como Musidanças articula a ideia de Lusofonia na promoção do diálogo intercultural e da inserção social. Especificamente, o propósito é introduzir a análise de como e em que dimensão o festival mobiliza tradições culturais e desenvolve estruturas para seu avanço.

Este estudo incide sobre a prática de representação de identidade na poderosa arena transnacional e pós-colonial de festivais multiculturais na área metropolitana de Lisboa. As identidades apresentadas podem influenciar a realidade, oferecendo ajustes, leituras e organizações alternativas das realidades sociais.

<sup>2</sup> Musidanças realizou-se pela primeira vez nos dias 1-5 de Novembro de 2001 na FNAC Chiado em Lisboa, onde foi produzido pela Associação de Artes BAZA e apoiado pela FNAC Chiado.

## 2. ENQUADRAMENTO TEÓRICO

Os festivais multiculturais representam um terreno privilegiado de socialização em que representações de coesão transnacional interagem, negociam e se resolvem. Após a Expo '98, organizaram-se muitos eventos dedicados às culturas musicais lusófonas. A sua representação tem vindo a ocupar uma posição importante a nível internacional, mas a sua relevância social talvez não tenha sido devidamente explorada na investigação científica. Estudos como o Euro Festival Project, de Delanty *et al.* (2011) foram pioneiros na análise de festivais como sítios de identificação transnacional e debate democrático, tentando colmatar uma lacuna de pesquisa académica sobre festivais a nível europeu. No caso português, a pesquisa neste campo ainda é relativamente incipiente (por exemplo: Santos *et al.*, 1999; Castelo-Branco, 2010; Côrte-Real, 2010; Vanspauwen, 2010; Pereira, 2012).

Parece interessante estudar a dimensão festiva em Portugal, um país europeu que tem mantido as suas relações com as antigas colónias tanto ao nível externo (CPLP) como interno (comunidades migrantes residentes). A nossa perspectiva é baseada no trabalho de cientistas sociais que, num contexto global de diáspora e transnacionalismo, entendem que os sistemas culturais podem ser articulados linguisticamente ao invés de geograficamente (Slobin, 1993; Appadurai, 1997; Stokes, 1997; Erlman, 1999). Utilizamos métodos da etnomusicologia, antropologia cultural e análise do discurso para compreender o papel de um festival recente na promoção em Portugal de músicas migrantes e culturas da língua portuguesa. Pretendemos analisar como as relações de poder informam as práticas sociais, a performance e as identidades culturais.

Embora o termo Lusofonia seja geralmente usado para expressar conexões e actividades sociais, políticas e económicas, música e cultura podem oferecer um prisma de investigação interessante que é tanto reflexivo como produtivo. Práticas culturais podem incorporar ideias, emoções, crenças, atitudes, experiências e identidades culturais, portanto a música - examinada como processo social, comportamento expressivo, e produto cultural - constitui um domínio especialmente adequado para o estudo dos processos engendrados por encontros transculturais (Castelo-Branco, 1997: 32). A música é uma construção social e discursiva que pode ser entendida melhor quando vista a partir das redes de partilha, troca e cooperação estabelecidas entre os diversos agentes entrelaçados em sua produção, difusão e divulgação (cf. Maciel, 2010: 303). Sendo assim, ela oferece uma lente privilegiada para analisar a construção da identidade em contextos multiculturais (Castelo-Branco, 1997).

Neste âmbito, os festivais de música multiculturais que surgiram nos últimos anos em Portugal (bem como noutros países) representam um terreno privilegiado de análise. Empreendedores culturais, tais como o festival Musidanças, têm sido essenciais para a organização de eventos e performances lusófonos.

A relevância deste projecto é múltipla. Comunidades migrantes pós-coloniais, tradicionalmente esquecidas pelas instituições, têm vindo a ganhar visibilidade na agenda política, nacional e cultural, implicando uma revisão da sua incorporação social e participação cultural na sociedade de acolhimento (Beja Horta, 2008). No

caso de Portugal, que abriga na sua capital uma diversidade de populações migrantes lusófonas, parece necessário reflectir sobre as repercussões deste tipo de eventos para a chamada ‘comunidade lusófona’ (Maciel, 2010).

### **3. A COMUNIDADE LUSÓFONA EM PORTUGAL: TRANSFORMAÇÕES POLÍTICO-SOCIAIS E FLUXOS MIGRATÓRIOS**

A Revolução dos Cravos de 1974, efectivamente um golpe militar de esquerda quase pacífico, instalou a democracia em Portugal, induzindo também o fim do império colonial africano. Em 1975 Portugal concedeu a independência às suas províncias ultramarinas na África (Angola, Cabo Verde, Guiné-Bissau, Moçambique e São Tomé e Príncipe). Quase um milhão de militares e cidadãos (portugueses ou de ascendência portuguesa) retornaram a Portugal (os *retornados*)<sup>3</sup>, além de pessoas de ascendência africana. Nas décadas seguintes, os países africanos recém-independentes sofreram guerras civis prolongadas – a guerra civil angolana (1975-2002) e a guerra civil moçambicana (1977-1992) – o que resultou em milhões de mortos e refugiados. Enquanto isso, o Brasil saiu de um período de ditadura militar em 1985. Em 1986, Portugal entrou na Comunidade Económica Europeia. Em 1996, a CPLP - Comunidade de Países de Língua Portuguesa foi fundada em Lisboa, incluindo como países membros, Angola, Brasil, Cabo Verde, Guiné-Bissau, Moçambique, Portugal, e São Tomé e Príncipe. Portugal perdeu as suas últimas possessões coloniais em 1999, quando Macau foi devolvido à China, e em 2002, quando Timor Leste – que tinha sido invadido e anexado pela Indonésia em 1975 – se tornou independente, juntando-se à CPLP logo em seguida. (Carvalho, 2010; Maciel, 2010; Pereira, 2012; Vanspauwen, 2012).

É importante salientar que no período acima, Portugal foi recebendo grandes movimentos populacionais das antigas colónias africanas (e, desde os anos 1990, do Brasil). Esta heterogeneidade crescente da sua população forçou a sociedade portuguesa a reflectir sobre uma série de questões relacionadas com a migração. Apesar dos sujeitos coloniais terem integrado o quadro representacional da nação colonial por meio de uma retórica de inclusão, os mesmos tornaram-se um problema a partir do momento em que foram formalmente considerados como pares. Deste modo, a descolonização rápida não só criou atitudes reservadas no que respeita às populações das ex-colónias, mas a adesão à União Europeia também implicou uma ruptura com os laços coloniais do passado – resultando em políticas restrictivas em relação aos imigrantes africanos e brasileiros. Nas palavras de Beja Horta (2008: 348),

Para Portugal, a harmonização das políticas europeias relativas à imigração implicou, inicialmente, a imposição de medidas rígidas relativamente à entrada de cidadãos das ex-colónias. Neste novo contexto, os que tinham sido considerados como membros de pleno direito e ‘parte integral’ da nação portuguesa eram,

<sup>3</sup> Os *retornados* podem ser chamados de migrantes no sentido que, ou tiveram uma convivência prolongada com as populações locais, ou nasceram fora de Portugal *stricto sensu*.

agora, ironicamente, o 'Outro', cujos laços históricos e culturais com Portugal eram negados em nome da convergência, harmonização e unidade cultural da União Europeia.

Por um lado, esta reorientação para a Europa e a democracia correlacionava com a delimitação e exclusão das ex-colónias: a adesão de Portugal ao espaço Schengen resultou num quadro institucional "avesso à mobilidade de 'países terceiros'", visando "regular e restringir a imigração" (Maciel, 2010: 235). Por outro lado, Portugal continuava sendo um país transatlântico que tentou (pelo menos simbolicamente) manter uma aliança política e econômica com as suas periferias anteriores<sup>4</sup>. Ao cumprir os dois papéis, Portugal posicionou-se como um intermediário entre os outros países de língua portuguesa e a Europa (Maciel, 2010: 235).

Foi neste contexto que se formou em Lisboa um novo espaço lusófono: as significativas populações migrantes não só causaram uma crescente heterogeneidade interna, como também constituíram um 'elo perdido' que justificou o compromisso político e a construção de 'laços especiais' com os países de língua portuguesa (Maciel, 2010: 207-214, 229-230).

Não será exagerado dizer que a formação da CPLP em 1996 e a Exposição Internacional de 1998, ambos na capital portuguesa, criaram um clima favorável para uma cooperação política e cultural renovada entre os países de língua portuguesa. A Expo '98 foi particularmente pioneira em juntar músicos de Portugal e de outros países de língua portuguesa, reunindo comunidades diaspóricas com artistas dos países de origem. Estas colaborações musicais enfatizaram a ideia de Lusofonia para um público internacional, ligando o conceito explicitamente à cidade de Lisboa, antiga metrópole colonial com populações migrantes pós-coloniais de todos os países de língua portuguesa.

Após a Expo '98, vários festivais, centrados no conceito de Lusofonia, foram organizados em Lisboa, em outras capitais (estaduais) de língua portuguesa (especialmente no Brasil) e em localidades específicas (por exemplo, na Galiza e em Macau). A influência desses festivais na opinião pública foi considerável, dado o número de visitantes e a regularidade das edições, constituindo um público que se familiarizou com as culturas musicais lusófonas. Alguns exemplos recentes são: o festival Nossa Língua, Nossa Música, em Brasília, em 2010; a Semana Cultural da CPLP em Lisboa, desde 2008; Cantos na Maré - Festival Internacional de Lusofonia na Galiza, desde 2003; Festival Musidanças em Lisboa, desde 2001; Festival Internacional de Hip Hop da Lusofonia em Luanda, em 2011; bem como o Festival da Lusofonia em Macau, desde 1998. Estes festivais intensificaram o interesse no patrimônio musical de países de língua portuguesa numa perspectiva transnacional.

No que respeita aos media, há poucos programas de rádio ou televisão que se dedicam regularmente aos músicos de países de língua portuguesa. Além do mais,

<sup>4</sup> Esta aliança ainda foi reforçada com a vinda dos imigrantes brasileiros nos anos 1990 e 2000, e a emigração de muitos portugueses para o Brasil durante a crise econômica europeia por volta de 2010.

um atraso no reconhecimento artístico em Portugal fez com que a maioria dos músicos migrantes de língua portuguesa editasse os seus discos no exterior. Por exemplo, Lura, Cesária Évora e Bonga gravaram com Lusafrika (Paris); Waldemar Bastos, Sara Tavares, Tito Paris e Mariza com a Conexão Mundial (Amesterdão); Mayra Andrade com a Sony Music France (Paris), e Celina Pereira com Música Piranha (Berlim). Mesmo assim, este quadro discográfico transnacional estimulou algum reconhecimento e visibilidade, ligando os músicos a grupos diaspóricos e aos países de origem (Cidra, 2010: 789).

Dada a contextualização acima, pode-se dizer que a cultura musical de Portugal é heterogénea. Como refere Castelo-Branco (1997: 29), a história portuguesa é caracterizada pela confluência de culturas dentro do território português.

Tradições musicais de diferentes localidades coexistiram e interagiram em Portugal desde o século 15 e têm contribuído para a formação de entendimentos musicais portugueses. Não estamos a lidar apenas com 'influência portuguesa', mas também com uma confluência de culturas mediadas pelos portugueses (Castelo-Branco, 1997: 29).

Desta forma, as repercussões musicais da presença portuguesa no mundo não podem ser examinadas independentemente das estruturas de poder que se desenvolveram; deve-se considerar também a dialéctica entre hegemonia ideológica e identidade de grupo (Castelo-Branco, 1997: 29). Ao mesmo tempo, é necessário entender “como a música das colónias portuguesas afectou a música de Portugal e os seus grupos de imigrantes, um processo recíproco de intercâmbio musical” (Pegg, 2002: 177). Neste sentido, faremos de seguida uma análise do festival Musidanças, tanto em termos de programação como de discurso.

#### 4. O FESTIVAL MUSIDANÇAS

Musidanças é um festival com sede em Lisboa que foi criado pelo músico português-angolano Firmino Pascoal em 2001. O festival visa “estimular e apoiar a criação de arte lusófona, desenvolver a consciência lusófona e proporcionar atrações de qualidade que possam manter vivas as origens do público estrangeiro-lusófono residente em Portugal”<sup>5</sup>. Além de “promover o trabalho dos artistas participantes”, Musidanças também pretende “criar um elo entre o trabalho dos artistas participantes”, promovendo diálogos culturais transnacionais entre Portugal, Angola, Brasil, Cabo Verde, Moçambique, São Tomé e Príncipe, Guiné-Bissau e Timor Leste. Os organizadores consideram o festival como um movimento que é responsável pela apresentação de muitos músicos que hoje são reconhecidos no cenário português e internacional, e argumenta ser o maior evento de artes lusófonas em Portugal até ao presente. Na sua opinião, além de música, Musidanças promove igualmente a

<sup>5</sup> <https://www.facebook.com/festivalmusidancas> e <http://aniversariomusidancas.blogspot.com>. Todos os links mencionados em rodapé foram consultados pela última vez no dia 20 de Agosto de 2013.

dança, a arte e a poesia de artistas de língua portuguesa, pretendendo assim constituir “uma vitrine coesa de comunidades lusófonas e as suas culturas em Portugal e no mundo”. O festival posiciona-se como um elo entre diferentes populações e culturas, “acreditando que o segredo está na mistura e na qualidade dos artistas selecionados”.

#### 4.1. PROGRAMAÇÃO

Em termos de programação, foi feito um levantamento inicial dos 138 músicos ou bandas que actuaram no Musidanças entre 2001 e 2012. Além da maioria dos músicos serem migrantes da primeira ou segunda geração com origens em países de língua portuguesa, residindo na área metropolitana de Lisboa, é notável que vários deles actuaram em mais do que uma edição do festival. Dezoito músicos ou bandas actuaram duas vezes; músicos como André Cabaço, Fernando Terra ou Sara Tavares três vezes; Dama Bete quatro vezes; Tonecas seis vezes; e Guto Pires e Lindu Mona nove vezes (cf. Figura 1). Na nossa opinião, esta adesão dos músicos ao festival pode também ser interpretada como apoio simbólico, no sentido de que a sua repetida escolha e performance implica uma promoção (implícita ou explícita) do (discurso do) festival.

Em termos de gêneros musicais, Musidanças ofereceu tanto música tradicional como fusão, reggae e hip hop. A dança foi também apresentada através de grupos de batuque, percussão, ranchos folclóricos e capoeira.

Músico ou banda	Número de edições participadas	Origem	Residência
André Cabaço	3	Moçambique	Portugal
Arte Pura Capoeira	3	Brasil	Portugal
Atma	3	Portugal	Portugal
Dama Bete	4	Moçambique/Portugal	Portugal
Fernando Terra	3	Brasil	Portugal
Francisco Naia	3	Portugal	Portugal
Guto Pires	9	Guiné-Bissau	Portugal
Lindu Mona	9	Angola/Portugal	Portugal
Melo D	3	Angola	Portugal
Mingo Rangel	3	Moçambique	Portugal
Sara Tavares	3	Cabo Verde	Portugal
Terranaçon	3	Cabo Verde	Portugal
Tocá Rufar	3	Portugal	Portugal
Tonecas	6	São Tomé e Príncipe	Portugal

Figura 1. Músicos ou bandas que mais actuaram no Musidanças (2001-2012), ordenados alfabeticamente

#### 4.2. DISCURSO

Com o slogan “Porque o futuro está na mistura!”, a organização do Musidanças em 2006 editou o disco Musidanças, resultante da edição daquele ano, com o seguinte discurso:

Musidanças. Acontecimento de carácter cultural dedicado à música tradicional da Lusofonia e à sua prossecução. Este disco visa reunir um leque de autores representantes de expressão musical Lusófona actuante em Portugal. Tratando-se de uma proposta de carácter necessariamente restrito, esta iniciativa procurará representar algumas das propostas criativas cujo investimento cultural se encontra, de algum modo, exterior aos circuitos do grande mercado de produção, edição e exposição nacionais (Texto de capa do CD Musidanças, 2006).

Que esta visão de marginalização artística está ligada a questões de exclusão cultural e social da sociedade portuguesa, fica exemplificado pela seguinte citação (Setembro de 2007):

Os Artistas dos países lusófonos têm lutado em Portugal com uma grande dificuldade de implantação no meio cultural português de forma a terem um tratamento e aceitação em condições iguais aos outros projectos da área Rock, Pop e projectos que momentaneamente entram na moda. Bem sabemos que é a tentativa de integração de outras culturas na cultura portuguesa mas nada que não seja o retorno de 500 anos de permanência nesses países<sup>6</sup>.

Por isso, em Novembro de 2008, a organização do Musidanças redigiu um manifesto com o título “Lusofonia, mestiçagem, som luso e mistura do ser humano”<sup>7</sup> em que iguala a Lusofonia à mestiçagem, como objectivo ideal para a sociedade portuguesa:

Mestiçagem é sinónimo de diversidade.  
Mestiçagem é o conhecimento do outro através da mestiçagem de culturas, é conhecer a língua, a cultura, a religião dos outros e manifestar respeito pelos outros, pela diferença e pela partilha da vida.  
Existe na actualidade uma identidade cultural que pode ser partilhada pelos vários países e comunidades, ser vivida em comum e partilhada na diversidade e enriquecida.

Além disso, a organização do Musidanças, no mesmo texto, argumenta que a Lusofonia, se bem que seja um conceito polémico, tem uma validade não só para Portugal, mas para todos os países do mundo de expressão portuguesa.

Uns dizem que a Lusofonia é uma ilusão, mas que existem vestígios da presença portuguesa no mundo é uma grande verdade.  
Assim como é uma grande verdade que há marcas na cultura portuguesa de vestígios das culturas dos países por onde passaram<sup>8</sup>.

Salienta, ainda, que existe uma riqueza cultural abaixo deste território vasto que ainda é desconhecida pelas próprias comunidades lusófonas, embora constitua um diferencial do ponto de vista internacional.

<sup>6</sup> <http://festivalmusidancas.blogs.sapo.pt/2007/09>

<sup>7</sup> <http://musidancas.blogspot.pt/2008/01/discurso-final-do-musidancas2007.html>

<sup>8</sup> <http://musidancas.blogspot.pt/2008/01/discurso-final-do-musidancas2007.html>



Mas não é só Portugal que tem que ser alertada para a riqueza desta fonia. São os próprios brasileiros no Brasil que possivelmente pouco sabem sobre os outros irmãos da mesma língua, são os Angolanos, os Guinéus, os Cabo Verdeanos, os São Tomenses, os Moçambicanos, os Goeses, os Macaenses, os Timorenses, as comunidades lusófonas espalhadas pelo mundo. A união em torno da língua é importante pois torna-nos numa força com mais poder até internacionalmente<sup>9</sup>.

Por isso, o Musidanças pretende sensibilizar a população a partir de Portugal através de um trabalho contínuo de projecção cultural (inter)nacional. Tal ideia aparece no site do Musidanças (Janeiro de 2012):

A arte lusófona é um bem de uma riqueza tal que às vezes parece que nem nós os portugueses lhe damos o seu devido valor. Nestes 11 anos de Festival Musidanças privámos com o que de melhor existe na nossa cultura e que são os seres humanos dos vários países e comunidades de expressão lusa espalhadas pelo mundo<sup>10</sup>.

As estratégias internas para alcançar esta projecção são mencionadas no blog do Musidanças (Setembro de 2007), focando não só no agenciamento artístico dos próprios músicos, mas também no desenvolvimento de habilidades técnicas e na concepção duma colectividade social.

[Musidanças tem] como objectivo interno desenvolver entre os Artistas um espírito solidário na defesa de problemas que lhes são comuns tais como:

- Organização do projecto individual do Artista.
- Criação de informação e saber divulgá-la.
- Formação em design, web design, som, software áudio, para total independência nas necessidades referentes a estes itens.
- Participação num projecto comum de classe.
- Criação de laços de confiança entre si e o Musidanças entidade que o poderá representar e ajudar num futuro a nível de agenciamento, promoção, edição áudio e imagem, design, etc<sup>11</sup>.

Como estratégia externa, o festival “pretende implementar o nome do projecto e dos artistas aderentes ao projecto de forma que possa ser naturalmente reconhecido pelos outros agentes e pelo público”<sup>12</sup>.

A organização do Musidanças é também activa através duma editora, Zoomusica, e duma associação cultural, Jungleplanet, que têm um discurso muito semelhante ao festival. Zoomusica é “uma entidade vocacionada para a criação de eventos artísticos e para produção, edição e distribuição de trabalhos discográficos. [Ela] capta valores do espectro da música do mundo lusófono, [fazendo] tudo pela arte do mundo lusófono.”<sup>13</sup> Por sua vez, a associação cultural Jungleplanet “pretende ser uma montra coesa da música das comunidades lusófonas que evoluem em Portugal e no Mundo”<sup>14</sup>. Os objectivos específicos da associação são:

<sup>9</sup> <http://musidancas.blogspot.pt/2008/01/discurso-final-do-musidancas2007.html>

<sup>10</sup> <https://www.facebook.com/festivalmusidancas/posts/10150578068816928>

<sup>11</sup> <http://festivalmusidancas.blogs.sapo.pt/2007/09>

<sup>12</sup> <http://festivalmusidancas.blogs.sapo.pt/2007/09>

<sup>13</sup> <http://www.zoomusicaartwork.blogspot.pt>

<sup>14</sup> <http://jungleplanet.net>

desenvolver entre os artistas e sócios um espírito solidário na defesa de problemas que lhes são comuns tais como, organização do projecto individual, criação de informação, tratá-la e divulgá-la, formação em música, design, web design, som, software áudio, fotografia, luz, para total independência nas suas respectivas necessidades<sup>15</sup>.

## 5. REFLEXÃO EM TORNO DA PROGRAMAÇÃO E DO DISCURSO DO FESTIVAL MUSIDANÇAS

Como argumentado acima, Lisboa tem vindo a assistir a um crescente número de eventos que promovem interação com músicos migrantes lusófonos sob uma variedade de rótulos, inspirados no conceito de interculturalidade. Porém, apesar do discurso oficial em torno da noção de diversidade e o enquadramento português de recepção institucional de migrantes (para o qual recebeu aclamação internacional), o racismo, a exclusão social e a oposição à imigração não foram totalmente apagados da sociedade portuguesa. Como argumenta Maciel (2010: 267), a ênfase na afirmação de contrastes sócio-culturais destes imigrantes pode ter sido uma maneira subtil de se legitimar as hierarquias sócio-culturais existentes em Portugal.

Na nossa opinião, o festival Musidanças utiliza a ideia de Lusofonia para obter maior acesso à inserção social, cultural e artística na sociedade portuguesa. Através desta ideia, tenta legitimar tanto a presença como a contribuição histórica de migrantes lusófonos, visando mútuo conhecimento das diferentes comunidades em Portugal e nos demais países de língua portuguesa. A ideia por trás desta vontade de mudança representacional parece coincidir com a seguinte afirmação de Beja Horta (2008: 361):

A capacidade dos imigrantes em questionar determinados regimes de categorização assim como a emergência de múltiplas formas de resistência, ainda que frágeis, trazem consigo a possibilidade de mudança, de criação de novas realidades. Sobretudo, é uma procura de um diálogo, que nos desafia a construir novas narrativas que surgem do emaranhado da vida quotidiana, das práticas do poder instituído e de novos imaginários que ganham expressão no agenciamento individual e colectivo.

A ideia de memória cultural é essencial para compreender tanto o discurso como a programação do festival Musidanças. Como sugerido por Kirschenblatt-Gimblett (1998), a maneira em que as músicas estão apresentadas a fim de realizar o seu significado para nós é, na verdade, um novo modo de produção cultural que revitaliza antigos modos de representação. É através da língua que os quadros colectivos da memória são reproduzidos (Cabecinhas et al., 2006: 4-5). Além do mais, a memória cultural pode ser vista “como um campo de disputa [,] pela capacidade de definir o memorável e o que deve ser esquecido” (Cunha, 2003: 86). A música tem um papel central nesse processo, e pode tornar-se uma fonte de consciência colectiva que promove tanto a coesão do grupo como actividades sociais, que podem causar mudanças na sociedade em geral (cf. Frith, 2000: 316).

<sup>15</sup> <http://jungleplanet.net>

Como apontam Delanty *et al.* (2011), festivais multiculturais funcionam como plataformas para apropriar certos ambientes sociais e musicais, assim criando novos espaços para a partilha, experimentação, promoção e revitalização de legados de culturas musicais. De particular importância nestes festivais são a criação duma comunidade e o reforço identitário dentro e entre regiões. Enquanto estas novas alianças nascem, factores como a ideologia política, a realidade local, e a migração transnacional também podem exercer uma influência sobre o sucesso do festival, na medida em que questionam ou testam políticas culturais, limites espaciais e modos tradicionais/locais de identificação e celebração (cf. Madrid, 2009; Radano & Bohlman, 2000).

Na nossa análise, o festival Musidanças emprega as músicas tradicionais ou alternativas para dar maior visibilidade pública às populações resultantes dos fluxos migratórios bem como à mistura cultural actual no capital português. Para enquadrar o seu discurso representacional, o festival prescreve os conceitos de Lusofonia e mestiçagem como sinónimos. Refere-se nomeadamente à importância das populações migrantes oriundas dos países de língua portuguesa em Lisboa, bem como das suas expressões culturais musicais, que nem sempre são ditadas em português (tal como emana do manifesto “Lusofonia, mestiçagem, som luso e mistura do ser humano”).

Lusofonia é um conceito relativamente recente, que tem sido difundido cada vez mais desde a década de 1990. Baseia-se numa definição linguística, mas também designa um espaço político, económico e cultural. Se bem que as suas raízes históricas podem ser encontradas no colonialismo português, o significado contemporâneo do conceito advém também das negociações em torno do Acordo Ortográfico, adquirindo um novo significado com os fluxos migratórios, a criação da CPLP, a realização de eventos internacionais tais como a Expo '98, a actividade da indústria transnacional da música, bem como o advento da Internet (tanto informação como redes sociais). Estes foram os factores que ampliaram a percepção de Lusofonia além de um âmbito estritamente linguístico.

Concordo com Dias (2009: 6-7) que considera o conceito de Lusofonia não apenas como uma comunidade de língua e história colonial compartilhada, mas também como uma evocação de Portugal como nação histórica junta do imaginário que envolve as suas relações globais. Uma crítica da Lusofonia, portanto, é imprescindível, e deve ser entendida como “um primeiro passo para a renovação da representação cultural e identitária portuguesa” (Dias 2009: 6-7, cf. Madureira, 2006 e Fernandes Dias, 2006). É exactamente “a relação entre um contra-discurso e uma crítica da ideia de nação e história,” (Dias, 2009: 7) que deve enformar uma crítica da lusofonia. Nas palavras de Marta Lança,

Para se pensar o Portugal pós-colonial, no seu contexto europeu, atlântico, mediador entre África e Europa[,] para não vivermos esta história do lado nostálgico neocolonialista e para chegarmos à verdadeira interculturalidade (contra a homogeneização das culturas), [é preciso a] desconstrução da lusofonia [...]. Questionar as bases deste modelo e defesa da Lusofonia poderá ser um princípio para uma mudança de paradigma (2008: s.p.).

Segundo a nossa análise discursiva do Musidanças, esta mudança paradigmática deve envolver uma releitura da noção de mestiçagem. Mestiçagem foi um dos princípios chave do imperialismo português, visto como uma força positiva na teoria do *lusotropicalismo* de Freyre (1933), que descreveu Portugal como uma nação multicultural, multiracial e pluricontinental desde o século 15 (La Barre e Vanspauwen, 2013: 140). A ideia de *lusotropicalismo* foi particularmente bem recebida durante os anos 1950 e 1960 pelo Portugal colonial e influenciou o pensamento actual do país (La Barre e Vanspauwen, 2013: 140). Por isso, uma releitura é necessária para desfazer as conotações coloniais que parecem ainda acompanhar a noção de mestiçagem. As expressões culturais dos migrantes lusófonos (cada vez mais visíveis na performance cultural) visualizam a mistura que resultou do colonialismo, fazendo referência tanto a um trauma mal cicatrizado como a uma *condição sine qua non* para interculturalidade no contexto português.

Musidanças argumenta discursivamente que é necessário ter políticas e discursos conscientes da mestiçagem social, racial e cultural para combater situações de exclusão ou marginalização. Esta consciencialização foi apontada por Maciel (2010: 230-2) como 'etnicização positiva', o que se refere a um sentido de pertença além de raça, cultura ou nacionalidade.

Numa reflexão sobre as raízes lusotropicalistas da ideologia da 'interculturalidade' que hoje domina o discurso oficial português, [fusão chama] a atenção para a forma como segmentos das populações migrantes aproveitam as celebrações da 'diversidade' e da 'hibridação' para 'renegociar identidades' no quadro de uma pertença mais alargada – chama-se-lhe 'lusofonia' (Maciel, 2010: 232-3).

A nosso ver, ficou claro que Musidanças defende uma leitura plural do conceito de Lusofonia, enriquecendo-o com a ideia de mistura racial e cultural, evidente na noção de mestiçagem. A nossa análise indica que o festival Musidanças advoga uma maior diversidade e aceitação de músicos e músicas em Portugal que não fazem parte do circuito musical dominante português. De um modo geral, o festival reforça a presença social e cultural das comunidades que resultaram das migrações dentro de uma perspectiva lusófona.

## 6. CONCLUSÃO

Através de uma análise discursiva da programação e do discurso do festival Musidanças no período 2001-2012, procurámos entender a forma com a qual este festival articulou a ideia de Lusofonia na promoção do diálogo intercultural e da inserção social. Ficou claro que o Musidanças, que promove músicos migrantes de língua portuguesa na área metropolitana de Lisboa, concebe a sua comunidade envolvente como sendo excluída da sociedade portuguesa artística, cultural e socialmente. O festival interpreta a Lusofonia como uma realidade de mestiçagem desvalorizada, bem como uma diversidade historicamente legitimada, tendo um potencial

diferencial para todos os países de língua portuguesa. Além disso, o Musidanças utiliza estratégias tanto ao nível interno quanto externo para obter uma projecção (trans)nacional da memória cultural lusófona. Através do agenciamento artístico dos músicos, do desenvolvimento de habilidades técnicas e de uma representação como colectividade social, visa fortalecer a sua implementação para que seja aceite pelos outros empreendedores culturais e pelo público. Além disso, o festival tem alguma autonomia simbólica ao nível discográfico, através da sua editora Zoomusica, e no nível associativo, através da sua associação cultural Jungleplanet.

A comunidade lusófona é percebida pela organização do Musidanças como uma genuína forma de representação que se baseia na promoção de mestiçagem ou fusão cultural, social e étnica. O festival apresenta, assim, uma leitura alternativa do conceito político de interculturalidade, muito usado ao nível institucional. Operando com o objectivo de salvaguardar e promover o património musical lusófono presente na capital portuguesa, o festival Musidanças tanto fomenta esta 'étnicização positiva', quanto também estimula narrativas nacionais menos essencialistas. Em outras palavras, defende uma maior mistura na sociedade portuguesa, tanto em termos sociais (a integração de outras populações trazidas pelos fluxos migratórios), como culturais (a aceitação de culturas musicais lusófonas como parte da história e do presente de Portugal). Assim, a transmissão de memória por este protagonista musical lusófono implica uma renegociação contínua da imaginação racial e nacional no antigo centro do império colonial.

## 7. AGRADECIMENTOS

Este texto foi redigido em português de Portugal, e depois verificado por Vanessa Carmina Bueno, Pedro Roxo, Isabel Macedo e um revisor anónimo, aos quais devo a minha gratidão.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Appadurai, A. (1997) *Modernity at Large. Cultural Dimensions of Globalization*, Minneapolis e London: University of Minnesota Press.
- Beja Horta, A. P. (2008) *A Construção da Alteridade. Nacionalidade, Política de Imigração e Acção Colectiva Migrante na Sociedade Portuguesa Pós-Colonial*, Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian / Fundação para a Ciência e a Tecnologia.
- Barre, J. L. & Vanspauwen, B. (2013) 'A Musical Lusofonia: Music Scenes and the Imagination of Lisbon' in Abels, B. & Alge, B. (eds.), *WOM - World of Music 2, Transatlantic Flows in the Lusophone World*, Berlim: VWB, pp. 119-46.
- Cabecinhas, R., Lima, M. & Chaves, A. M. (2006) 'Identidades nacionais e memória social: hegemonia e polémica nas representações sociais da história' in Miranda, J. et al. (eds.) (2006) *Identidades Nacionais em Debate*, Oeiras: Celta, pp. 67-92.
- Carvalhais, I. E. (2010) 'Citizenship Policy Making in Portugal', EUDO Citizenship Observatory, Florence: Robert Schuman Centre for Advanced Studies/EUI. Disponível em <<http://eudo-citizenship.eu/docs/EUDOcomp-Portugal.pdf>>, pp. 1-38.

- Castelo-Branco, S. E. S. (ed.) (2010) *Enciclopédia da Música em Portugal no Século XX. / Encyclopedia of Music in Portugal in the XX Century*, Lisboa: Círculo de Leitores / Temas e Debates.
- Castelo-Branco, S. E. S. (ed.) (1997) *Portugal e o mundo. O encontro de culturas na música / Portugal and the world. The encounter of cultures in music*, Lisboa: Dom Quixote.
- Côrte-Real, M. S. J. (2013) 'Music, social cohesion and citizenship: omnis civitas contra se divisa non stabit', keynote speech conferida na conferência internacional RCICs'13, Brasov, 13-15 de Julho de 2013.
- Côrte-Real, M. S. J. (ed.) (2010). Special Issue 'Música e Migração', *Migrações* 7, Lisboa: ACIDI.
- Cunha, L. (2003) *Entre espaço e representação: Comunidade e memória social*, tese de doutoramento, Braga: Universidade do Minho.
- Delanty, G., Giorgi, L. & Sassatelli, M. (eds.) (2011) *Festivals and the Cultural Public Sphere*, Routledge Advances in Sociology, London e New York: Routledge.
- Dias, I. Costa (2009) 'Curating Contemporary Art and the Critique to Lusophonie', *Arquivos da Memória. Antropologia, Arte e Imagem* 5-6: 6-46, Lisboa: Centro de Estudos de Etnologia Portuguesa.
- Erlman, V. (1999) *Music, Modernity, and the Global Imagination: South Africa and the West*, Oxford: Oxford University Press.
- Fernandes Dias, J. A. B. (2006) 'Pós-colonialismo nas artes visuais, ou talvez não' in Sanches, M. R. (org.) (2006), *Portugal não é um País Pequeno. Contar o 'império' na pós-colonialidade*, Lisboa: Livros Cotovia, pp. 317-37.
- Freyre, G. (1933) *Casa Grande & Senzala: formação da família brasileira sob o regime de economia patriarcal*, Rio de Janeiro: Maia & Schmidt.
- Frith, S. (2000) 'The Discourse of World Music' in Born, G. & Hesmondhalgh, D. (eds.) (2000) *Western music and its others: difference, representation, and appropriation in music*, Berkeley e Los Angeles: U. of California Press, pp. 305-22.
- Kirschenblatt-Gimblett, B. (1998) *Destination Culture. Tourism, Museums, and Heritage*, Berkeley: University of California Press.
- Maciel, C. F. (2010) *A Construção da Comunidade lusófona a partir do antigo centro. Micro-comunidades e práticas da lusofonia*, tese de doutoramento, Lisboa: Universidade Nova de Lisboa.
- Madrid, A. L. (2009) 'Why Music and Performance Studies? Why Now?: An Introduction to the Special Issue', *TRANS Revista Transcultural de Música*, 13.
- Madureira, L. (2006) 'Is the Difference in Portuguese Colonialism the Difference in Lusophone postcolonialism?' in Soares, A. (ed.), *Toward a Portuguese Postcolonialism*, Bristol: HiPLA, pp. 135-41.
- Pegg, C. (2002) 'Reviewed work(s): A Viagem Dos Sons/The Journey of Sounds by José Moÿas', *British Journal of Ethnomusicology*, 11 (1): 170-77.
- Pereira, R. M. M. (2012) *Música e Narrativas da Multiculturalidade numa Orquestra de 'Todos'*, tese de mestrado, Lisboa: ISCTE-IUL.
- Radano, R. & Bohlman, Ph. V. (eds.) (2000) *Music and the Racial Imagination*, introdução, Chicago: University of Chicago Press, pp. 1-56.

Santos, M. M. L. & Costa, A. F. (coord.) *et al.* (1999) *Impactos Culturais da Expo '98*, Lisboa: OAC Observatório das Actividades Culturais.

Slobin, M. (2003) 'The Destiny of Diaspora' in Clayton, M., Herbert, T. & Middleton, R. (eds.) (2003) *The Cultural Study of Music: A Critical Introduction*, London: Routledge, pp. 284-96.

Stokes, M. (2004) 'Music and the Global Order', *Annual Review of Anthropology*, 33: 47-72.

Vanspauwen, B. P. (2012) 'A importância de implementar uma noção de lusofonia na educação cultural e cívica em Portugal, argumentado por alguns músicos oriundos de países 'lusófonos' em Lisboa', in Martins, M. L., Cabecinhas, R. & Macedo, L. (eds.) (2012) *Anuário Internacional de Comunicação Lusófona 2011 - Lusofonia e Cultura-Mundo*, Coimbra: CECS/Grácio Editor, pp. 67-83.

Vanspauwen, B. P. (2010) *The (R)evolution of Lusophone Musics in the City of Lisbon*, tese de mestrado, Lisboa: Universidade Nova de Lisboa.

### **CD's**

Musidanças (2006) *CD Musidanças*, Algeirão: Zoomúsica Editora.

### **SITES/BLOGUES**

<<https://www.facebook.com/festivalmusidancas>>

<<https://www.facebook.com/festivalmusidancas/posts/10150578068816928>>

<<http://aniversariomusidancas.blogspot.com>>

<<http://festivalmusidancas.blogs.sapo.pt/2007/09>>

<<http://musidancas.blogspot.pt/2008/01/discurso-final-do-musidancas2007.html>>

<<http://www.zoomusicaartwork.blogspot.pt>>

<<http://jungleplanet.net>>